



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSOR ORIENTADOR: SIDNEI VOLKMANN

LUCIANA BRITO SIMÕES
2046296-0

**“CRISE NAS ESCOLAS”: UMA ANÁLISE DA
COBERTURA DO JORNAL *CORREIO BRAZILIENSE***

Brasília, maio de 2008

LUCIANA BRITO SIMÕES

**“CRISE NAS ESCOLAS”: UMA ANÁLISE DA
COBERTURA DO JORNAL *CORREIO BRAZILIENSE***

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Centro Universitário de
Brasília, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Social com habilitação em
Jornalismo.

Orientador: Profº. Sidnei Volkmann.

Brasília, maio de 2008

LUCIANA BRITO SIMÕES

**“CRISE NAS ESCOLAS”: UMA ANÁLISE DA
COBERTURA DO JORNAL *CORREIO BRAZILIENSE***

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Centro Universitário de
Brasília, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Social com habilitação em
Jornalismo.

Orientador: Profº. Sidnei Volkmann.

BRASÍLIA, MAIO DE 2008

BANCA EXAMINADORA

Professor Sidnei Volkmann
Orientador

Professor Solano Nascimento
Examinador

Professora Ana Paula Ferrari
Examinadora

A todas as pessoas que são apaixonadas
pelo jornalismo e que por meio de um
trabalho verdadeiro e ético ajudam a
buscar uma sociedade melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pelo apoio dado a mim durante os quatro anos de curso, não me deixando desistir e me motivando a cada dificuldade.

Agradeço às minhas amigas Camila e Michelle e ao Oscar pela ajuda e companhia em cada trabalho e apuração realizada.

Agradeço aos meus colegas de faculdade que nas horas de desespero me ajudaram, ou me ensinando algo ou apenas ouvindo meus desabafos.

Agradeço aos professores Solano Nascimento, Paulo Paniago, Ana Paula Ferrari, Renata Giraldi, Marcone Gonçalves e em especial ao meu orientador Sidnei Volkmann que passaram conhecimentos que me permitiram estar concluindo o curso.

Enfim, agradeço a todos que me ajudaram, direta e indiretamente, na conclusão desta pesquisa.

“É enfrentando as dificuldades que você fica forte.
É superando seus limites que você cresce.
É resolvendo problemas que você desenvolve a maturidade.
É desafiando o perigo que você descobre a coragem. Arrisque e descobrirá como as
pessoas crescem quando exigem mais de si próprias e assim conseguem alcançar
os seus objetivos”.

(autor desconhecido)

RESUMO

Neste trabalho foi feita a análise de uma série de reportagens sobre “Crises nas Escolas” publicadas no *Correio Braziliense*, no período de fevereiro a novembro do ano de 2007. As dez matérias apresentadas abordam assuntos distintos. Foram observados aspectos como o uso de fontes, a noticiabilidade e a classificação das notícias, além de avaliar se o jornal tomou alguma posição e ou se cobrou do governo respostas sobre os problemas. Concluiu-se que o jornal não cede o mesmo espaço para as diferentes fontes.

Palavras-chaves:

Educação, crise, noticiabilidade, mídia

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Fontes, p. 25

TABELA 2 - Fatores de noticiabilidade, p. 26

TABELA 3 – Referência aos grandes problemas da educação, p. 26

TABELA 4 - Uso de personagens, p. 27

TABELA 5 – Classificação das notícias, p. 28

SUMÁRIO

Introdução.....	09
1 Fundamentação teórica.....	10
1.1 Lembrando a história.....	10
1.2 A escola.....	11
1.3 Repetência, evasão e violência nas escolas.....	12
1.4 Notícia e critérios de noticiabilidade.....	14
1.5 Fontes.....	17
1.6 Função da mídia e quarto poder.....	19
1.7 Teoria do agendamento.....	20
2 Metodologia.....	22
2.1 Análise de conteúdo.....	22
3 Análise e resultados.....	29
3.1 Considerações finais.....	40
Conclusão.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
ANEXOS.....	46

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma análise das matérias da série de reportagens publicadas pelo jornal *Correio Braziliense* sobre a “crise” nas escolas públicas do Distrito Federal e do entorno. Foram analisadas dez matérias, que saíram de fevereiro a novembro de 2007, sendo todas publicadas no último domingo de cada mês, no caderno Cidades. A primeira matéria saiu no dia 25 de fevereiro de 2007 e a última, no dia 25 de novembro de 2007. Todas ocuparam cerca de duas páginas.

Como a mídia freqüentemente está divulgando os problemas da educação para toda a população, é necessário que ela faça esta divulgação dando importância para as diferentes fontes, e, ao mesmo tempo, cobrar do governo novas atitudes e soluções. Na pesquisa, foram observados aspectos como fontes e noticiabilidade, para responder a seguinte pergunta: como o *Correio* retrata os problemas de cunho social de responsabilidade do governo, como as dificuldades das escolas?

O jornal *Correio Braziliense* foi escolhido por ser o jornal mais lido na cidade, tendo assim a responsabilidade de levar a informação correta e verdadeira para toda a população.

O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro apresenta o embasamento teórico que alimenta as questões observadas, englobando educação e comunicação. O segundo capítulo explica como a análise foi feita e o terceiro capítulo é a análise dos resultados e os comentários sobre as dez matérias.

1 Fundamentação teórica

Este capítulo vai tratar de questões referentes à educação, como a história e as funções da escola, bem como de pontos da prática jornalística, como o papel da mídia, fontes, agenda, efeitos e critérios de noticiabilidade.

1.1 Lembrando a história

A educação brasileira tem hoje vários problemas, mas essa é uma situação que vem desde a época do descobrimento do país. O sistema educacional do Brasil começou com a chegada dos jesuítas. “Foram eles os primeiros a instalar escolas nesta parte da América do Sul e, talvez, em toda América Latina”. (ALMEIDA, 1989, p. 25). Os padres foram os responsáveis pela catequização dos índios e pela educação dos nobres.

De acordo com Xavier (1980):

Preocupados com a difusão da fé e com a educação de uma elite religiosa, os jesuítas criaram um sistema educacional que, em última instância, fornecia aos elementos da classe dominante uma educação clássica e humanista como era o ideal europeu da época (1980 apud OLIVEIRA, 2004, p. 946).

Com a chegada do primeiro ministro Marquês de Pombal, os jesuítas foram expulsos e o sistema educacional foi modificado. Conforme Oliveira (2004):

O Estado tentou assumir, pela primeira vez, os encargos da educação, mas os mestres leigos das aulas e escolas régias, recém-criadas, se revelaram incapazes de assimilar toda modernidade que norteava a iniciativa pombalina (OLIVEIRA, 2004, p. 947).

A chegada da família real, em 1808, trouxe muitos pontos positivos na educação, como o ensino superior, mesmo que ainda muito fraco. Faltavam tributos e recursos para a educação nas províncias e a partir dessa realidade boa parte da educação ficou a cargo de instituições privadas. Segundo Oliveira (2004):

O ensino superior era obrigação do poder nacional e os outros níveis de educação ficaram de responsabilidade da província. Com a falta de interesse o ensino primário ficou abandonado e o secundário foi privatizado. (OLIVEIRA, 2004, p. 948).

Do começo da história do nosso país até os dias de hoje percebe-se que a educação nunca foi prioridade por parte dos nossos governantes. As classes pobres também nunca foram privilegiadas. Os governantes só pensavam em atender as classes dominantes. Assim, as escolas públicas ficaram aquém do ideal esperado. A realidade brasileira, neste ponto, apresenta semelhança com a inglesa. De acordo com Giddens (2000):

Já tem sido observado que, ao longo de mais de um século, a educação estatal foi dirigida por gente pouco interessada na mesma e que nem sequer em sonhos pensaria mandar os seus filhos para as suas escolas (GIDDENS, 2000, p. 486).

1.2 A escola

A escola tem muita importância na sociedade. É uma instituição que tem grande responsabilidade na formação de toda pessoa que passa por ela, seja criança ou adulta. Libâneo (1994) define a função da escola da seguinte maneira:

A preparação das crianças e jovens para a participação ativa na vida social é o objetivo mais imediato da escola pública. [...] socializa o saber sistematizado e desenvolve capacidades cognitivas e operativas para a atuação no trabalho e nas lutas sociais pela conquista dos direitos de cidadania (LIBÂNEO, 1994, p. 33).

A escola deve garantir também a todos os seus alunos conhecimento e participação na sociedade, adquirindo valores para viver com dignidade. O aluno deve perceber seus deveres e exigir seus direitos. Segundo Pinski (2000):

Afinal, qual o objetivo da escola senão formar cidadãos? Todos sabemos que a escola enquadra, ajusta, integra, desestimula atitudes anti-sociais, ajuda a transformar o educando num ser social. Ao passar valores específicos de uma região ou de um país, passa também comportamentos e permite ao aluno acesso ao patrimônio cultural da humanidade. E os direitos e obrigações da cidadania são parte integrante desse patrimônio (PINSKI, 2000, p. 41).

Então cabe ao governo, juntamente com outros integrantes da educação, como professores, escola e pais a oferecerem a todos uma educação de qualidade, pois tudo é garantido por lei:

(...) a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo

para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (LDB, 1996, p. 50).

1.3 Repetência, evasão e violência nas escolas

Uma das dificuldades da escola pública, que se vem tentando superar, é a repetência escolar. A cada ano vem sendo realizadas estratégias educacionais e políticas a fim de tentar diminuir o índice que é muito alto nas escolas públicas. Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira do Ministério da Educação (Inep), mostram que em 2006 o índice de repetência no ensino fundamental foi de 13% e no ensino médio foi de 11,5% e que no Distrito Federal foi 19,1%. Segundo Gersdorff:

Continuam as reprovações em massa, especialmente na 1ª série, as repetências extremamente frustrantes, tanto para os alunos como para as professoras e os pais, e, por fim, as deserções e até a recaída no analfabetismo (GERSDORFF, 1981, p. 32).

O auto-índice de reprovação e a experiência do fracasso escolar desmotivam as crianças e os jovens, prejudicando-as no futuro. Giddens diz que “ensina-as a reconhecer as suas limitações intelectuais, uma vez aceitem a sua **inferioridade**, transitam para ocupações com perspectivas de carreira profissional limitada (2000, p. 503, grifo do autor).

Outro problema que as escolas enfrentam é a evasão escolar. Lolis e Lima (1997) a define da seguinte maneira:

Evasão escolar é o afastamento do aluno da escola. Esse desvio se dá por vários motivos, tais como: situação econômica da família; falta de vagas nas escolas; distância da escola; problema de relacionamento entre professor e aluno; gravidez precoce; falta de interesse e de incentivo dos pais e da própria escola, entre outros (LOLIS e LIMA, 1997, p. 5).

Segundo Alaminos (2005) a principal causa para a evasão escolar é econômica. Ele afirma que “num país de desigualdades como o Brasil, [...] há grande probabilidade de um jovem ver-se obrigado a buscar meios de subsistência em detrimento da continuidade de sua vida escolar” (ALAMINOS, 2005, p.4). Caldas já coloca várias causas para o aumento da evasão escolar “é um problema complexo e

se relaciona com outros importantes temas da pedagogia, como formas de avaliação, reprovação escolar, *currriculum* e disciplinas escolares” (CALDAS, 2005).

Queiroz (2006) nos mostra que a evasão é um problema sério e que apesar de ser bastante atual vêm acontecendo há muitos anos e que sempre é motivo de discussão entre escola, família e governo.

A evasão escolar está dentre os temas que historicamente faz parte dos debates e reflexões no âmbito da educação pública brasileira e que infelizmente, ainda ocupa até os dias atuais, espaço de relevância no cenário das políticas públicas e da educação em particular. Em face disto, as discussões acerca da evasão escolar, em parte, têm tomado como ponto central de debate o papel tanto da família quanto da escola em relação à vida escolar da criança. (QUEIROZ, 2006, p.1).

Dados do Inep, de 2006, mostram que no Brasil a taxa de abandono no ensino fundamental é 7,5%, enquanto no centro-oeste é acima da média com uma taxa de 8,4%. No ensino médio a taxa de abandono total é de 15,3% e no centro-oeste também é maior que o geral, a taxa chega a 17,6%.

A violência nas escolas também é um problema sério e que aumenta a cada dia. “Violência nas escolas não é um fenômeno novo. Todavia tem vindo a assumir proporções tais que a escola não sabe que medidas tomar para sanar este problema” (AZEVEDO, 2004, p.1). Segundo Feliciano Veiga, há várias as justificativas para esse fenômeno:

Para uns é a falta de valores (familiares, escolares e sociais), para outros a falta de perspectivas quanto ao futuro, para outros um sintoma de rupturas. Uns destacam a influência dos órgãos de comunicação social, outros o clima de concorrência. Para outros a culpa seria dos professores (VEIGA, 2001, p.10).

A família é a grande responsável pela prevenção da indisciplina e da violência nas escolas e, em segundo lugar, a escola, que deve ajudar os alunos na formação da moral deles. “Muitos pais e alguns professores encontram-se num período de transição para uma educação baseada na compreensão e responsabilidade” (IBIDEM, 2001, p. 13). Mais importante do que ficar discutindo se é a família ou a escola os responsáveis pela resolução do problema é perceber que só com a união destes dois segmentos que a disciplina pode ser alcançada. “Sua construção é um processo lento que exige criatividade, boa vontade e constantes reformulações por parte de todos os envolvidos” (MARQUES E DALLEPIANE, 2002, p.97).

A escola é um lugar idealizado para a aprendizagem e socialização entre as crianças e adolescentes, mas motivos como baixa auto-estima, personalidade, contexto familiar (falta de diálogo, violência doméstica e problemas financeiros) e contato com programas de violência, através da mídia acabam levando para dentro da instituição a violência. “As situações de violência comprometem o que deveria ser a identidade da escola – lugar de sociabilidade positiva, de aprendizagem de valores éticos e de formação de espíritos críticos” (ABRAMOVAY, 2002, p. 300).

A violência é um problema muito sério e precisa ser resolvido. Com o crescente aumento tem se tornado um assunto de interesse social. “As implicações da violência e suas diferentes manifestações no espaço escolar têm preocupado de forma especial toda a sociedade” (IBIDEM, 2002, p. 121).

1.4 Notícia e critérios de noticiabilidade

A mídia, tanto jornais impressos como rádio e TV, tem como matéria-prima de circulação os acontecimentos, mas nem todos interessam aos jornalistas, somente os que podem ser transformados em notícia. Truchman (1977) afirma que “O objetivo declarado de qualquer órgão de informação é fornecer relatos dos acontecimentos significativos e interessantes” (1977, p.45 apud WOLF, 2001, p.189). Esta afirmação é aceita por vários estudiosos da comunicação. O pesquisador português Nélon Traquina (2005) diz que “Um exame da maioria dos livros e manuais sobre jornalismo define as notícias em última análise como tudo o que é importante e/ou interessante” (TRAQUINA, 2005, p.19).

Rodrigues (1988) completa o conceito de notícia:

[...] a notícia seria mesmo um meta-acontecimento, um acontecimento que se debruça sobre outro acontecimento, sendo acontecimento por ser notável, singular e potencial fonte de acontecimentos notáveis. Notícia e acontecimento estariam, aliás, interligados. Muitas vezes, a própria notícia funciona como acontecimento susceptível de desencadear novos acontecimentos (1988 apud SOUSA, 2000, p.29).

As notícias são, tradicionalmente, classificadas em *hard news*, *soft news*, *hot news*, *spot news* e *running stories*. Sousa (2002) as define da seguinte maneira:

[...] *hard news* (notícias “duras”, respeitantes a acontecimentos) e *soft news* (notícias “brandas”, referentes a ocorrências sem grande

importância e que, geralmente, são armazenadas e apenas difundidas qual tal é conveniente para a organização noticiosa. As *hot news*, notícias “quentes”, seriam aquelas que, sendo *hard news*, se reportam a acontecimentos muito recentes. As *spot news* são as notícias que dizem respeito a acontecimentos imprevistos. Finalmente, as *running stories* são notícias em desenvolvimento (SOUSA, 2002, p. 26).

Denis McQuail (1991) divide as notícias em outra classificação: notícias programadas, notícias não programadas e notícias fora do programa.

Notícias programadas (como as notícias resultantes do serviço de agenda) de notícias não programadas (notícias sobre acontecimentos inesperados) e de notícias fora do programa (geralmente soft news que não necessitam de difusão imediata) (1991, apud SOUSA, 2002, p. 26).

A função dos jornalistas é acompanhar os acontecimentos para transformá-los em notícia. Goldin - Elliott (1979) diz que “A triagem e a organização do material que chega à redação constituem o processo de conversão dos acontecimentos observados em notícias” (1979, p.102 apud WOLF, 2001, p. 240). Para produzirem notícias os órgãos de informações precisam cumprir algumas obrigações, segundo Tuchman:

1. devem tornar possível o reconhecimento de um facto desconhecido (inclusive os que são excepcionais) como acontecimento notável.
2. devem elaborar formas de relatar os acontecimentos que não tenham em conta a pretensão de cada facto ocorrido a um tratamento idiossincrásico;
3. devem organizar; temporal e espacialmente, o trabalho de modo que os acontecimentos noticiáveis possam afluir e ser trabalhados de uma forma planificada. Estas obrigações estão relacionadas entre si (TUCHMAN, 1977, p. 45 apud WOLF, 2001, p. 189).

Os jornalistas têm que ser éticos, apresentar o fato sem emitir opinião, pois a população absorve a interpretação que a mídia publica dos fatos, a maioria nem se preocupa em buscar outros meios para confirmar a adquirida pelos *media*. Segundo Zucker (1978):

Quanto menor é a experiência directa que as pessoas têm de uma determinada temática, mais essa experiência dependerá do mass media para se possuir as informações e os quadros interpretativos referentes a essa área [...] (1978, p.227 apud WOLF, 2001, p.155).

Como existem diversos acontecimentos os media precisam estabelecer alguns critérios para noticiar o fato. Wolf (2001) define da seguinte maneira a noticiabilidade:

[...] como o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que seleccionar as notícias, podemos definir os valores/notícia (news values) como uma componente da noticiabilidade [...] (WOLF, 2001, p.195).

Os jornalistas e outros responsáveis pela produção da notícia precisam estabelecer critérios para avaliar acontecimentos que têm valor como notícia. Não podendo esquecer que “os critérios de valor-notícia mudam ao longo do tempo” (SOUSA, 2002, p. 95). O que é notícia hoje pode não ser daqui duas semanas ou mais tempo.

Diversos pesquisadores defendem alguns critérios como valor-notícia. Van Dijk (1990) “relaciona os valores jornalísticos com as rotinas e a produção de notícias numa organização, no seio de uma atmosfera competitiva [...] (1990, p. 174-175 apud SOUSA, 2002, p. 97). Segundo Sousa (2002), o pesquisador Van Dijk (1990) assim define os critérios de valor-notícia:

[...] 1) novidade; 2) atualidade; 3) pressuposição (a avaliação da novidade e atualidade pressupõe conhecimentos prévios; além disso, segundo o autor, os acontecimentos e os discursos só seriam entendíveis mediante o recurso da informação passada); 4) consonância com normas, valores e atitudes compartilhadas; 5) relevância (para o destinatário da informação); 6) proximidade (geográfica, social, psico-afetiva); e 7) desvio e negatividade [...] (SOUSA, 2002, p. 97).

Embora o uso dos critérios de noticiabilidade ajude os jornalistas a legitimar o processo de produção, tanto na escolha das fontes, como dos acontecimentos e de precaver as organizações das críticas dos leitores, apresentam também alguns problemas. Sousa (2002) mostra dois lados negativos do uso dos critérios de noticiabilidade:

[...] a seleção consciente ou não consciente de notícias com base em critérios de noticiabilidade torna tendencialmente repetitivo o conteúdo dos meios de comunicação social [...] e [...] à existência de determinados critérios, muitos assuntos não são tendencialmente noticiáveis, como, geralmente, os processos sociais de longa duração, uma vez que não se enquadram nos critérios e nas formas organizadas, racionalizadas, rotineiras e convencionalizadas de fazer

jornalismo na maioria dos órgãos de comunicação social (SOUSA, 2002, p. 95).

1.5 Fontes

Para a fabricação da notícia o jornalista deve apurar corretamente todas as informações e procurar sempre ouvir várias fontes de informações. O uso de várias fontes é essencial na produção das notícias. Traquina (2005) define da seguinte maneira as fontes:

Para os jornalistas, qualquer pessoa pode ser uma fonte de informação. Uma fonte é uma pessoa que o jornalista observa ou entrevista e que fornece informações. Pode ser potencialmente qualquer pessoa envolvida, conhecedora ou testemunha de determinado acontecimento ou assunto. (TRAQUINA, 2005, p. 190).

O jornalista precisa estabelecer uma relação de confiança com a fonte. A confiança tem que ser mútua. Os jornalistas precisam confiar nas fontes e as fontes têm que confiar nos jornalistas. Se for necessário o profissional pode manter o sigilo de fonte, que é garantido por lei. O artigo 7º da Lei de Imprensa diz:

Art. 7º No exercício da liberdade de manifestação do pensamento e de informação não é permitido o anonimato. Será, no entanto, assegurado e respeitado o sigilo quanto às fontes ou origem de informações recebidas ou recolhidas por jornalistas, radiorepórteres ou comentaristas. (LEI DE IMPRENSA)

Para a escolha das fontes de informações devem ser respeitados alguns critérios, como a credibilidade. Para Traquina (2005, p. 192) “O jornalista tem que avaliar a credibilidade da fonte para avaliar a credibilidade da informação fornecida”. Wolf (2001) diz que os jornalistas têm que avaliar os seguintes fatores “a. oportunidade antecipadamente revelada; b. a produtividade; c. a credibilidade; d. a garantia; e. a respeitabilidade” (WOLF, 2001, p. 225).

É comum escolher pessoas que têm um cargo ou posição social relevante para serem fontes, as chamadas fontes oficiais. De acordo com Traquina (2005):

[...] é fácil compreender que as fontes oficiais correspondem melhor do que as outras às necessidades organizativas das redações. As fontes oficiais acabam por assumir uma credibilidade adquirida com o tempo e com a rotina. Se a credibilidade da ‘estória’ não pode ser rapidamente confirmada, o jornalista procurar basear-se na credibilidade da fonte, na sua honestidade. (TRAQUINA, 2005, p. 193).

Wolf (2001) complementa da seguinte forma o uso das fontes oficiais: “fornecer informações credíveis é maior para as instituições, pessoas ou aparelhos [...] de modo a satisfazer a necessidade contínua que os *mass media* têm de cobrir, acontecimentos calendarizados anteriormente” (WOLF, 2001, p. 224).

Como o tempo de produção da notícia é muito rápido, as fontes oficiais que teoricamente são confiáveis e estáveis, são as mais procuradas, mas o jornalista não pode esquecer-se de ouvir todas as partes envolvidas na notícia. Gans (1979) completa:

Aqueles que detêm o poder económico ou político podem, facilmente, ter acesso aos jornalistas e são acessíveis a estes; aqueles que não têm qualquer poder, mas dificilmente se transformam em fontes e não são procurados pelos jornalistas até as suas acções produzirem efeitos noticiáveis enquanto moral ou socialmente negativos (1979, p. 81 apud WOLF, 2001, p. 224).

As notícias são feitas a partir do que os jornalistas publicam. E as matérias são feitas de acordo com que as fontes falam e dos tipos de fontes utilizadas, que podem ser oficiais e não-oficiais. Sigal (1973) classifica os canais informativos em três tipos:

1) canais de rotina (que se estendem desde os acontecimentos oficiais aos press-releases); 2) canais informais (que vão dos encontros de associações cívicas às informações de outras organizações noticiosas); 3) canais de iniciativa (que resultam da iniciativa dos jornalistas, como acontece num pedido de entrevista). (1973 apud SOUSA, 2002, p. 64).

As fontes de informações dominantes, por exemplo, o governo, têm um peso significativo maior nas notícias. As fontes desconhecidas só aparecem quando fazem algo que chama muita atenção, e com isso, eles parecem que são menos respeitáveis que as oficiais. As fontes não possuem o mesmo acesso ao campo jornalístico. Traquina (2005) destaca três tipos de acesso: “1) o acesso habitual, 2) o acesso disruptivo e 3) o acesso direto” (TRAQUINA, 2005, p. 187). Ele os define da seguinte maneira:

O acesso habitual existe quando um indivíduo ou grupo está tão localizado que as suas necessidades de acontecimento normalmente coincidem com as atividades de produção jornalísticas [...] O acesso disruptivo: aqueles que necessitam de acesso à produção de acontecimentos e que querem contribuir para a experiência pública

[...] O acesso direto é reservado aos próprios jornalistas que exercem um poder na capacidade de determinar que reportagens ou trabalhos de investigação jornalística pretendem desenvolver (TRAQUINA, 2005, p. 187-188).

1.6 Função da mídia e quarto poder

Sousa diz que “[...] os meios jornalísticos são o principal veículo de comunicação pública através dos quais a estrutura de poder comunica com a sociedade” (2000, p. 127). A mídia tem a função de informar a população sobre o que acontece na cidade, no país e no mundo. E as pessoas vêem na mídia uma forma de receber essas informações, como Traquina (2005) coloca:

Ao longo dos séculos, as pessoas (muitas delas, pelo menos) têm desejado ser informadas sobre o que as rodeia, usando o jornalismo (ou uma forma pré-moderna do jornalismo) para se manterem em dia com os últimos acontecimentos [...] (2005, p.20).

O pesquisador português Sousa (2002) coloca ainda, as funções da notícia e a necessidade delas para a sociedade:

[...] as notícias, entre múltiplas outras funções, participam na definição de uma noção partilhada do que é atual e importante e do que não o é, proporcionam pontos de vista sobre a realidade, possibilitam gratificações pelo seu consumo, podem gerar conhecimento e também sugerir, direta ou indiretamente, respostas para os problemas que quotidianamente os cidadãos enfrentam. As notícias, ao surgirem no tecido social por ação dos meios jornalísticos, participam na realidade social existente, configuram referentes coletivos e geram determinados processos modificadores dessa mesma realidade (SOUSA, 2002, p. 119)

O grande produto da mídia é a notícia e não qualquer notícia, e sim, a notícia verdadeira e que seja de interesse das pessoas. E o jornalista, como profissional, não pode deixar de cumprir essa ideologia. Segundo Traquina (2005):

A transgressão da fronteira entre realidade e ficção é um dos maiores pecados da profissão de jornalista, merece a violenta condenação da comunidade e quase o fim de qualquer promissora carreira de jornalista. (TRAQUINA, 2005, p.20).

Além de informar os cidadãos é dado ao jornalismo a função de guardião do governo, por isso a imprensa assume posição chamada de “quarto poder”. Sousa afirma que “nas democracias ocidentais os meios jornalísticos institucionalizaram-se como agentes de vigias dos poderes” (Sousa, 2000, p. 129). Diferentemente de um

sistema autocrático, na democracia os jornalistas têm o direito de expressar as diferentes opiniões sem censura e defender a população dos abusos do governo. De acordo com Traquina (2005, p. 46):

No novo enquadramento da democracia, com o princípio de “poder controla poder” (*Power checks power*), a imprensa (os media) seria o “quarto” poder em relação aos outros três: o poder executivo, o legislativo e o judicial (2005, p.46).

Teoricamente o jornalista não deve ficar do lado de nenhuma parte, tem que ser um profissional neutro. De acordo com Traquina (2005) “o papel do jornalista é definido como o observador, que relata com honestidade e equilíbrio o que acontece, cauteloso em não emitir opiniões pessoais” (TRAQUINA, 2005, p. 147). Ungaro (1992) completa:

[...] coloca os jornalistas no papel de “servidor do público” que procura a verdade, no papel de “cão de guarda” que protege os cidadãos contra os abusos do poder, no papel de contrapoder que atua do lado de quem doer, no papel de “herói” do sistema democrático (1992 apud TRAQUINA, 2005, p. 162).

1.7 Teoria do Agendamento

Como já foi dito, muitas pessoas adquirem informações gerais, e até mesmo específicas, através do trabalho da mídia, que utiliza esse ‘poder’ para influenciar e fazer com que a população saiba e se interesse por assuntos que a imprensa julga necessário e correto, é a hipótese do agenda-*setting*. Sousa (2004) diz que essa teoria “destaca que os meios de comunicação têm a capacidade (não intencional nem exclusiva) de agendar temas que são objeto de debate público em cada momento (SOUSA, 2004, p. 293). De acordo com Shaw (1979):

A hipótese do agenda-*setting* não defende que os *mass media* pretendam persuadir [...]. Os *mass media*, descrevendo e precisando a realidade exterior, apresentam ao público uma lista daquilo sobre que é necessário ter uma opinião e discutir. O pressuposto fundamental do agenda-*setting* é que a compreensão que as pessoas têm da realidade social lhes é fornecida, por empréstimo, pelos mass media (1979, p. 96, 101 apud WOLF, 2001, p.144).

McCombs e Shaw (1972) afirmam que “quanto maior é a ênfase dos *media* sobre um tema e quanto mais continuada é a abordagem desse tema maior é a importância que o público lhe atribui na sua agenda” (1972 apud SOUSA, 2004, p. 294). Roberts (1972) completa da seguinte maneira:

Na medida em que o destinatário não é capaz de controlar a precisão da representação da realidade social, tendo por base um standard exterior aos mass media, a imagem que, por intermédio dessa representação, ele forma, acaba por ser distorcida, estereotipada ou manipulada (1972, p. 380 apud WOLF, 2001, p. 145).

Shaw (1979) explicou que a influência dos meios de comunicação social no que diz respeito ao agendamento dos temas que são objeto de debate público, se bem que por vezes não seja imediata, é realmente direta (1979 apud SOUSA, 2002, p. 159). A hipótese do agenda-*setting* tem a tematização como processo informativo. Wolf (2001) explica:

A tematização é um processo informativo que se insere na hipótese do agenda-*setting*, dela representando uma modalidade particular: tematizar um problema significa, de facto, colocá-lo na ordem do dia da atenção do público, dar-lhe o relevo adequado, salientar a sua centralidade e o seu significado em relação ao fluxo da informação tematizada (WOLF, 2001, p.163).

Rositi (1982) completa da seguinte forma: A sua função é “selecionar posteriormente [...] os grandes temas sobre os quais há que concentrar a atenção do público e mobilizá-la para a tomada de decisões [...]” (1982, p.139 apud WOLF, 2001, p.163).

2 Metodologia

Este capítulo mostrará como o trabalho de análise das matérias foi feito e o que foi observado em cada uma delas.

2.1 Análise de Conteúdo

A educação é muito importante para que as pessoas tenham uma melhor qualidade de vida. No Brasil, a educação ainda não alcançou um patamar aceitável e passa por uma série de problemas. Esta pesquisa analisa uma série de reportagem sobre “Crise nas Escolas”, que foi publicada no *Correio Braziliense*, que é o jornal impresso de maior circulação do Distrito Federal.

As matérias foram encontradas através do serviço de busca de edições anteriores do *site* do *Correio* (www.correioweb.com.br). A frase chave para encontrá-las foi exatamente “Crise nas Escolas”, surgindo assim 10 matérias, representando uma série de fevereiro a novembro do ano de 2007, assim intituladas:

- 25 de fevereiro = Mas, onde está o professor?
- 25 de março = O problema é voltar para casa
- 29 de abril = Por uma educação para todos
- 27 de maio = A dolorosa chaga da exclusão
- 24 de junho = A missão de ensinar quem ficou pra trás
- 29 de julho = A difícil tarefa de ser mulher (e aluna)
- 26 de agosto = Sufoco na hora de matar a fome
- 30 de setembro = Cidadania resgatada nas salas de aula
- 28 de outubro = A força que vem dos pais
- 25 de novembro = A difícil arte de estudar

Diante dessas matérias é cabível a seguinte pergunta: Como o *Correio* retrata os problemas de cunho social de responsabilidade do governo, como as dificuldades das escolas públicas? Para responder essa questão será utilizada a análise de conteúdo. Bauer (2002) a define da seguinte maneira:

É uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada [...] um corpus de texto oferece diferentes leituras, dependendo dos vieses que ele contém. A AC não

é exceção; contudo, ela traça um meio caminho entre a leitura verídica e o “vale tudo”, e é, em última análise, uma categoria de procedimentos explícitos de análise textual para fins de pesquisa social (BAUER, 2002, p. 191).

Um dos pontos analisados são as fontes utilizadas em cada matéria, que foram divididas em sete classes, pois assim é possível verificar que tipo de fonte, oficial ou não oficial, foi mais utilizada na série de reportagens:

- 1) Funcionários da escola: direção, professores e servidores com aspas.
- 2) Especialista: estudioso apto a falar sobre o assunto da matéria com aspas.
- 3) Governo: Secretaria de Educação ou o próprio governo com aspas.
- 4) Governo sem aspas: por meio da assessoria ou outros.
- 5) Alunos e familiares: pessoas que dão opiniões com aspas.
- 6) Dados de pesquisa estatísticas e índices oficiais: Inep, Saeb e outros.
- 7) Outros: de outras áreas como, por exemplo, do Ministério Público e presidente do CNTE.

OBS: O uso de aspas em uma matéria explicita exatamente a fala de alguma fonte ouvida na matéria, mostrando que o jornalista fez a entrevista pessoalmente. Acontece que em algumas matérias fontes são citadas de forma indireta, sem aspas, não dando certeza de que o jornalista fez a entrevista. Ele pode ter conseguido através de releases, do site ou de outra forma, que não a pessoal, por isso a divisão entre “com aspas e sem aspas”.

Como explicado no capítulo 1 as matérias são feitas de acordo com que as fontes dizem, sendo os canais informativos classificados, por Sigal (1973 apud SOUSA, 2002, p.64) em: canais de rotina, canais informais e canais de iniciativa. As matérias foram analisadas neste aspecto, levando em consideração os tipos de fontes utilizadas em cada matéria.

Outro ponto analisado foram os critérios de noticiabilidade (novidade, atualidade, pressuposição, consonância com normas, relevância, proximidade e negatividade) e se as matérias tiveram repercussão, que pode ocorrer se algum leitor mandar uma carta para o jornal ou se o próprio jornal citar alguma solução ou mudança por parte do governo. Como mostrado no capítulo 1 as notícias também têm classificação (notícias programadas, notícias não programada e notícia fora do programa) conforme o enfoque e a importância dado as notícias, então elas também serão analisadas nesse aspecto. O uso de personagens também foi observado.

Os temas abordados na série de reportagens “Crise nas Escolas” são variados, como falta de professores, falta de merendeira e alunos não alfabetizados, por exemplo. Esses problemas e outros citados nas reportagens são causadores e influenciam nos grandes problemas da educação (digo que são grandes problemas porque a Secretaria de Educação e o Governo do Distrito Federal têm como meta principal diminuir estes fatores) como, repetência escolar, evasão e violência. Então foram observados se as matérias fazem referência a esses problemas e a que atribuem.

O espaço físico também foi observado nos seguintes aspectos: quantas páginas ocupam, se há propagandas, quantas imagens e de que tipo, quantos boxes e de que cidade ou região administrativa foram tirados os personagens. Esses pontos não serão comentados no próximo capítulo, apenas especificado para uma observação geral das matérias. O espaço dado representa se o assunto é mais importante ou menos importante, na visão do jornal.

Os erros técnicos como, por exemplo, títulos inadequados e problemas referentes às fontes serão também observados. O jornal, como informante de grande parte da população do Distrito Federal, não pode esquecer que a qualidade do material apurado é essencial e indispensável. Bauer (2002) afirma:

[...] considerável atenção está sendo dada aos “tipos”, “qualidades”, e “distinções” no texto, antes que qualquer quantificação seja feita. Deste modo, a análise de texto faz uma ponte entre um formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais. No divisor quantidade/qualidade das ciências sociais, a análise de conteúdo é uma técnica híbrida que pode mediar esta improdutiva discussão sobre virtudes e métodos (BAUER, 2002, p. 190).

Para a execução da análise de conteúdo algumas etapas devem ser seguidas: 1) a organização do material a ser analisado e definição dos objetivos, chama-se pré-análise, 2) contato e leitura dos documentos para ter as primeiras impressões. Para a constituição do corpus, que é o conjunto de documentos a serem analisados têm que se seguir quatro regras: regra da exaustividade, da representatividade, da homogeneidade e da pertinência. 3) A codificação, que “corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformando esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo” (BARDIN, 1977, p. 103). Dentro dessa etapa foi decidido quais os pontos que seriam analisados e observados nas

matérias. 4) “Operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos”, é a fase de categorização (BARDIN, 1977, p. 117). Já nessa parte foi a classificação propriamente dita dos pontos, que já foram especificados anteriormente, a serem analisados dentro dos critérios escolhidos. 5) realização de inferências específicas e gerais dos dados.

Bauer (2002) complementa:

A AC nos permite reconstruir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades. Em outras palavras, a AC é pesquisa de opinião pública com outros meios. [...] a AC fornece as variáveis independentes no delineamento de estudos sobre efeitos da mídia, sobre o estabelecimento da agenda ou em estudos de desenvolvimento. (BAUER, 2002, p. 192).

Serão apresentados a seguir os quadros com todos os dados analisados.

Tabela 1 - Fontes

Este quadro especifica os tipos de fontes que foram usadas nas matérias e a quantidade de vezes citadas, que no próximo capítulo serão analisadas.

mês	Funcionários da Escola	Especialista	Governo	Governo Sem Aspas	Alunos e Familiares	Dados de Pesquisa	Outros
Fevereiro	3	1	-	-	1	1	1
Março	3	1	1	-	1	1	-
Abril	-	1	-	1	1	1	5
Maio	-	1	1	-	2	5	1
Junho	3	-	1	-	4	1	2
Julho	-	2	-	-	6	3	2
Agosto	1	-	1	-	3	-	4
Setembro	4	1	-	-	3	-	-
Outubro	4	1	-	-	4	1	2
Dezembro	2	-	-	-	6	1	1
Total	20	8	4	1	29	14	17

Tabela 2 - Fatores de noticiabilidade

As reportagens tinham alguns critérios de noticiabilidade observados, já explicado no primeiro capítulo, confirmando que são assuntos que interessam à população e convêm apurar. É importante para a pesquisa porque mostra que a maioria dos temas não são novos e nem atuais, o que significa que são assuntos que estão na mídia e não tiveram mudanças.

Mês	Novidade	Atualidade	Pressuposição	Consonância Com Normas	Relevância	Proximidade	Negati Vidade
Fevereiro	-	x	x	X	x	x	X
Março	-	-	x	X	x	x	X
Abril	x	x	x	X	x	x	X
Maio	-	-	-	X	x	x	X
Junho	x	x	x	X	x	x	X
Julho	-	x	x	x	x	x	X
Agosto	-	x	-	-	x	x	X
Setembro	-	-	-	x	x	x	X
Outubro	x	-	-	x	x	x	-
Novembro	-	-	-	x	x	x	X
Total	3	5	5	9	10	10	10

Tabela 3 - Referência aos grandes problemas da educação

O governo é preocupado com os dados de repetência, evasão e violência nas escolas. As matérias sempre citam esses problemas como consequências dos colocados nas reportagens, então a mídia deve cobrar uma solução para eles.

mês	Repetência	Evasão	Violência
fevereiro	x	x	x
março	x	x	-
abril	-	-	-
maio	-	x	-
junho	x	-	-
julho	-	x	-
agosto	-	-	-
setembro	-	-	x
outubro	x	-	-
novembro	x	x	-
total	5	4	2

Tabela 4 - Uso de personagens

O quadro mostra que as matérias foram feitas basicamente a partir de relatos de personagens, mostrando que o jornal pouco se baseou em fontes oficiais. Isso pode prejudicar a veracidade das informações.

mês	Nº de personagens
Fevereiro	3
Março	6
Abril	3
Maiο	4
Junho	5
Julho	5
Agosto	3
Setembro	3
Outubro	5
Novembro	3
Total	40

Tabela 5 - Classificação de notícias

As matérias foram classificadas de acordo com a necessidade de publicação das matérias, da importância delas para a sociedade e dos valores-notícia.

	Notícias programadas	Não programadas	Fora do programa
Mas, onde está o professor?	x		
O problema é voltar para casa	x		
Por uma educação para todos		x	
A dolorosa chaga da exclusão	x		
A missão de ensinar quem ficou pra trás	x		
A difícil tarefa de ser mulher (e aluna)	x		
Sufoco na hora de matar a fome	x		
Cidadania resgatada nas salas de aula	x		
A força que vem dos pais	x		
A difícil arte de estudar	x		

No próximo capítulo serão apresentadas algumas observações e as análises separadamente das dez matérias sobre “Crises nas Escolas”, publicadas no Correio Braziliense, de fevereiro a novembro de 2007.

3 – Análise e resultados

A série de reportagem sobre “Crise nas Escolas” foi publicada de fevereiro a novembro de 2007. Apenas uma vez por mês e sempre no último domingo, no caderno Cidades. Então foram totalizadas 10 matérias com diferentes temas.

Primeira matéria

Data: 25 de fevereiro de 2007

Título: Mas, onde está o professor?

Imagens: 5 fotografias

Boxes: 4 (“Onde o salário só dura 10 dias”; “Esporte, só na teoria”; “Recordista em desistência escolar”; “Entrevista”).

Cidades citadas: Novo Gama GO.

Fontes: diretora do colégio do novo Gama Isabel Gonçalves Araújo; Senador Cristóvam Buarque; aluna Bruna Carolina; aluna Franciele Thaís; ex-diretor José Pereira Ribeiro, Professora Irani Rodrigues Pereira de Sousa; aluno René Vieira da Silva; aluno João Robert; presidente do CNTE (Conselho Nacional dos trabalhadores em Educação) Juçara Dutra Vieira.

Comentários: A matéria sobre falta de professor é sempre esperada no início das aulas todo ano. É uma matéria programada com a predominância de canais informativos informais, pois a maioria das fontes é da escola. Nesta reportagem foi citada apenas uma escola do entorno do Distrito Federal, no Novo Gama. Com certeza outras escolas, até mesmo do DF passaram por estes problemas. Há também várias fontes de informações, como alunos, professores, direção, presidente do CNTE e dados de pesquisas do Ministério da Educação, mas o governo não aparece em nenhum momento, dando uma resposta ou explicação e muito menos uma solução para os problemas.

A ênfase da matéria era a falta de professores, como mostra o título. Só que mostra o professor como o único culpado, que não vai trabalhar por que não tem dinheiro, ou porque tem vários empregos e pode escolher ou porque está infeliz. *“Afiml, de que adianta ter quadro-negro, merenda e sala de aula se o professor não aparece? Ou se, quando vai, está cansado, infeliz e mal preparado.”* (CORREIO, 25 de fevereiro de 2007, p. 28/29). Neste trecho parece que está tudo perfeito e que só o professor não tem interesse na educação, aparecendo como opinião do jornal. O

único momento que o jornal mostra o professor da forma positiva é quando uma professora que se destaca e se esforça para ir trabalhar. A matéria mostra também que a repetência, a evasão e a violência escolar têm ligação direta com a falta de professores nas escolas.

Segunda matéria

Data: 25 de março de 2007

Título: O problema é voltar para casa

Imagens: 5 fotografias

Boxes: 3 (“A maratona diária de Francenilda”; “Entrevista”; “Aparecem os ônibus gratuitos”).

Cidades citadas: Estrutural/Guará DF.

Fontes: professor Francisco Zagari; assistente de direção Mariléia Feitosa Gomes; aluna Euzimar Gomes Lima; aluna Marlene Pessoa; aluna Carmelita Pereira de Jesus; aluna Gonçalves Sousa; coordenadora Fátima Guimarães Furtado; aluno Israel Araújo Pereira; aluna Francenilda Zacarias de Souza; subsecretária de suporte educacional, Dicemar Alves do Nascimento; aluna Eliane Pacheco da Silva; secretário executivo do Compromisso Todos pela Educação.

Comentários: Diferentemente da primeira matéria da série de reportagens, um pequeno pedaço da página, abaixo da entrevista, aparece uma pequena publicidade da 1ª Maratona Brasília de Revezamento, de realização do *Correio Braziliense*. Pode-se considerar como matéria programada, pois não é um assunto novo e, por fazer parte de uma série de reportagens, já tinha data marcada e assunto pré-definido e com canal informativo informal predominante. Esta matéria mostra a falta de transporte para moradores da cidade Estrutural e que estudam no Guará, limitando a reportagem a apenas um caso.

Na matéria foram usadas várias fontes de informações, como: professores, coordenadores, alunos, dados estatísticos. A matéria foi bastante personificada, utilizando-se de seis personagens para ilustrar o mesmo drama. O governo foi citado em um box, ao dizer que depois de acompanharem o drama dos alunos do Guará, a Secretaria de Educação disponibilizou ônibus gratuitos. Foi ouvida a subsecretária de Suporte Educacional em uma pequena aspa, onde ela não explica o problema, apenas tenta se defender por ser nova no cargo: “Acabamos de chegar e ainda somos pegos de surpresa em algumas situações” (NASCIMENTO, 25 de março de

2007, p. 30/31), mas poderia ter ouvido também a secretária de educação ou o próprio governador. Em momento nenhum a matéria principal menciona alguma fonte oficial, com isso fica parecendo que o motivo da secretaria disponibilizar ônibus não seja a denúncia feita na reportagem.

Nenhuma menção negativa foi feita ao professor. A repetência e a evasão escolar também têm relação direta com a falta de transporte, segundo a matéria no exemplo: *“O motivo do abandono não poderia ser mais cruel. Os alunos, com idades entre 16 e 65 anos, vão desistindo aos poucos.”* (CORREIO, 25 de março de 2007, p. 30/31).

Terceira matéria

Data: 29 de abril de 2007

Título: Por uma educação para todos

Imagens: 3 fotografias e 1 quadro de estatísticas de inclusão.

Boxes: 4 (“Uma mulher como as outras”; “Direito garantido”; “A dura viagem diária de Andressa”; “Entrevista”).

Cidades citadas: Asa Sul DF.

Fontes: mãe de aluna, Andressa Dias de Jesus; presidente da ONG Grupo Down, Juliana Santos; mãe de aluna, Luciene Pereira Souza; Associação das Mães em Movimento (Amem-DF), Lurdinha Danesy; presidente da associação Brasileira de Deficientes Visuais (ABDV), César Achkar; mãe de aluno Mônica Moreira Diniz; mãe de aluno, Marilei Martins Collares; aluna precursora e escritora, Liane Gaspar Martins; mãe de aluna Vanessa Alves de Souza; psicopedagoga, Regina Coelho Figueiredo.

Comentários: O tema desta matéria é muito importante e preocupante. Embora a matéria mostre que a Secretaria de Educação coloca que as salas de apoio aos portadores de necessidades especiais aumentaram, é fato que em uma escola ela fechou e está fazendo falta para algumas crianças. É uma matéria com a predominância de canais informativos informais por se tratar de mais um problema na educação denunciado por familiares, mas não é uma notícia programada com tempo, porque é uma situação recente. Pouco tempo antes da matéria publicada não havia esse problema. É uma matéria que teve a presença de fontes diferentes, como presidente de ONG e de associações relacionadas ao assunto, dando mais embasamento e credibilidade ao jornal. As informações da Secretaria de Educação

são de forma indireta, sem aspas de um funcionário específico, com cargo competente para falar do assunto, por exemplo: “*Segundo a Secretaria de Educação [...] A secretaria alega também [...]*” (CORREIO, 29 de abril de 2007, p. 30/31).

A matéria mostra também que escolas possibilitadas de receberem os alunos com necessidades ficam no Plano piloto e que as famílias de crianças que moram em outras localidades passam por grandes dificuldades de transporte, por exemplo. Em um box, o jornal mostra partes de leis que regulamentam o direito à educação de crianças portadoras de necessidades especiais e, em outro box, mostra que a iniciadora da educação inclusiva tem hoje um livro sobre a história dela. A reportagem não menciona nada sobre o professor e sobre relações do problema com repetência e evasão escolar. Apareceu uma pequena publicidade na parte inferior da página ímpar.

Quarta matéria

Data: 27 de maio de 2007

Título: A dolorosa chaga da exclusão

Imagens: 3 fotografias e 1 quadro de estatísticas.

Boxes: 4 (“A realidade em números”; “Estudar ou viver”; “Nota 10 em perseverança”; “Entrevista”).

Cidades citadas: Asa Norte DF, Lago Azul GO.

Fontes: Tia Ednalva Conceição Cavalcante; crianças Tainã Uauá e Irassuri; secretária-geral do Comitê Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes, Neide Castanha; mãe Adriana Moraes; secretária de educação do DF, Maria Helena Guimarães; aluna, Luana (nome fictício); tia Dejânia Miranda Leite; criança Rosicleide de Oliveira dos Santos; presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, Carmem Silveira de Oliveira.

Comentários: Esta matéria é programada visto que o tema frequentemente é publicado na mídia e em sua maioria com canais informativos informais. É uma reportagem que apresenta várias fontes de informações, como famílias que passam pelo problema, a presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente e a própria secretária de educação, que justifica a evasão em cima dos governos anteriores “*Os governos anteriores não planejaram a construção das novas cidades. Com isso, temos locais onde não há escolas e não temos onde construí-las, como a Estrutural*” (GUIMARÃES, 27 de maio de 2007, p. 30/31). As

falas da secretária não se referem aos problemas dos personagens da matéria. O jornal deveria tê-la questionado a respeito dos problemas indígenas e dos meninos que moram na rua e para os quais não há escola. É uma matéria que usa muitos personagens, para humanizar, afetando a sensibilidade do leitor. A reportagem cita: *“Há mais negros excluídos do que brancos, mais pobres fora da escola do que ricos. E, entre todos os grupos, as crianças e adolescentes indígenas estão na pior situação [...]”* (CORREIO, 27 de maio de 2007, p. 30/31), mas exemplifica somente com índios e crianças pobres, não citando nenhum caso de negro excluído. Na entrevista, Carmem Silveira de Oliveira, presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, coloca que apenas a garantia de vaga não é suficiente para manter a criança na escola e diz que a saída é combinar jornada ampliada com aulas mais atraentes, ou seja, indiretamente, ela está cobrando atitudes do governo para melhoria na educação. A evasão escolar está ligada ao assunto e não menciona nada sobre professores.

Quinta matéria

Data: 24 de junho de 2007

Título: A missão de ensinar quem ficou para trás

Imagens: 4 fotografias.

Boxes: 3 (“Quando a ajuda dos pais é fundamental”; “O cansaço de não entender”; “Entrevista”).

Cidades citadas: Núcleo Bandeirante DF, Santa Maria DF.

Fontes: aluno Pablo Cardoso da Silva; aluna Renata Wanessa Diniz; aluna Lorena Almeida de Jesus; supervisora do Se Liga, Alessandra Botelho Augusto da Silva; professora Maria Solange de Melo Silva; diretora Carmelita Bueno Soares Freitas; aluna Luciana Costa da Silva; aluno Hércules Mendonça dos Santos; professor Daniel Teixeira Filho; supervisora do Se Liga Raquel de Souza Almeida, secretária de educação do DF, Maria Helena Guimarães.

Comentários: A matéria ocupa duas páginas, mas na primeira foi dado um grande espaço a uma propaganda do próprio *Correio Braziliense*, maior até do que a matéria principal da reportagem que está ao lado. O canal informativo predominante é o informal, e é notícia programada porque é um assunto esperado, visto que já se sabia que a Fundação Ayrton Senna estava implantando tal projeto no Distrito Federal.

A reportagem coloca que o projeto Se Liga, da Fundação Ayrton Senna, alcançarão todos os Centros de Atenção Integral à Criança, os Caics, mas somente utiliza personagens de duas das instituições, que são 14 em todo o DF. Deveriam ter mostrado histórias e personagens de outras cidades. Várias fontes foram usadas e seis personagens foram citados na matéria. Pela primeira vez, desde o início da série, o jornal dá mais espaço para um integrante do governo. A entrevista desta edição é com a então secretária de educação, Maria Helena Guimarães.

Segundo a matéria, o que causou a necessidade deste projeto nas escolas foi a falta de aprendizagem e a distorção idade-série que tem ligação com a repetência escolar. A imagem do professor foi colocada de forma negativa por alguns alunos do projeto, exemplo: *“Os professores explicavam de um jeito difícil e eu não gostava de ficar na aula”*. (SANTOS, 24 de junho de 2007, p. 30/31).

Sexta matéria

Data: 29 de julho de 2007

Título: A difícil tarefa de ser mulher (e aluna)

Imagens: 3 fotografias.

Boxes: 4 (“Desempenhos diferentes”; “Depois da faxina, o dever de casa”; “Sonhos adiados pela gravidez”; “Entrevista”).

Cidades citadas: Asa Sul DF, Asa Norte DF, Estrutural DF.

Fontes: aluna Fátima, 22 anos; responsável pela educação distância, Carla Madeira; Juliete Bispo, 18 anos; coordenador do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) do Ministério da Educação, Dilvo Ristoff; Aparecida Rosa de Jesus, 33 anos; Márcia (o jornal não fala de onde ela é e o que faz; Solange (nome fictício, 32 anos); Mariana (nome fictício, 12 anos); Rita (nome fictício), 16 anos; Maria Roberta da Silva, 28 anos; diretora do Centro Feminista de Estudos e Assessoria (Cfemea), Natália Mori.

Comentários: O jornal comete um erro na sexta reportagem da série ao citar a opinião de uma fonte em aspas, atribuí-las ao nome Márcia e não explicar quem ela é, de onde é e o que faz. Simplesmente surgiu na matéria. Para completar, põe a seguinte fala *“Temos 1,5 mil alunos atualmente, que preenchem a vida dos 17 professores. Mas queremos mais”* (“?”, 29 de julho de 2007, p. 38/39) e não põe a fonte ouvida, ficando o leitor se perguntando quem disse tal frase.

É uma reportagem programada com canal informativo informal predominante, pois faz parte de uma série sobre “Crise nas Escolas”, na qual já era sabido que temas seriam abordados, além de ser também um assunto muito falado na mídia. A reportagem não faz nenhuma alusão à imagem de algum professor. As fontes básicas da matéria foram personagens, familiares e dados de pesquisas, faltando uma explicação, ponderação ou opinião de algum integrante do governo. O jornal afirma em um momento: *“A autonomia das jovens mães, principalmente as pobres, fica comprometida devido à falta de creches para seus filhos”* (Correio Braziliense, 29 de julho de 2007, p. 38/39). Porque não ouvir o governo a respeito do assunto, se existe possibilidade de diminuir o problema através das creches? O jornal poderia ter cobrado o governo nesse sentido.

A matéria relacionou a dificuldade das mulheres de cuidar da casa e estudar ao problema da evasão escolar, pois jovens mulheres deixam de ir para a escola para cuidar da casa e dos filhos. Na primeira página da matéria, na parte inferior, há dois anúncios de missa de sétimo dia, dando a entender que estava sobrando espaço, pois nas reportagens anteriores isso não aconteceu.

Sétima matéria

Data: 26 de agosto de 2007

Título: Sufoco na hora de matar a fome

Imagens: 4 fotografias.

Boxes: 3 (“Terceirização está em jogo”; “Veneno, calor e alimentos”; “Entrevista”).

Cidades citadas: Ceilândia DF, Paranoá DF.

Fontes: merendeira Flávia Dantas Neves; aluna Maryane Lobato Reis; merendeira Luciene Dantas Gomes; servidora Maria Lurdes Silva; diretora de Assistência Escolar da Secretaria, Carla Eliana Gonçalves de Alcântara; coordenador da Unidade Técnica do Conselho Federal de Nutricionistas, Antônio Augusto Fonseca Garcia; nutricionista da Secretaria de Educação; Secretário de Educação, Luiz Valente; Secretário-Geral dos Sindicatos dos Auxiliares de Administração Escolar no DF, Denivaldo Alves do Nascimento; gerente de gêneros alimentícios, Esdras Monteiro de Oliveira.

Comentários: A falta de profissionais na escola para preparar o lanche é também um assunto que interessa a mídia, pois prejudica as crianças, que têm

direito a merenda na escola. Esse fato é corriqueiro em várias escolas do Distrito Federal, podendo classificá-la como notícia programada com canal informativo informal predominante. Contudo o jornal poderia ter feito esta matéria mais próxima do ano letivo, para pressionar o governo e poder cobrar depois melhorias. O *Correio* cita “*É a resolução nº 358, de 2005, do Conselho Federal de Nutricionista, que define a quantidade de profissionais para cada grupo de alunos*” (Correio Braziliense, 26 de agosto de 2007, p. 30/31); e, mais adiante, completa: “*O DF tem apenas duas nutricionistas responsáveis por tudo que é servido nas escolas públicas*” (Correio Braziliense, 26 de agosto de 2007, p. 30/31). Como o jornal conseguiu conversar com o secretário de educação, que é o responsável pela melhoria das escolas do DF, deveria tê-lo questionado sobre esse assunto também, e não apenas sobre a terceirização das merendeiras.

A reportagem foi realizada através de personagens e com outras fontes, mas percebe-se que não foram muito distintas. Na matéria principal, em um box e na entrevista, aparece o técnico do Conselho Federal de Nutricionistas. Foi a primeira reportagem que apareceu desta forma. O professor não foi citado de nenhuma forma na matéria, que não teve nem a direção das escolas falando sobre o assunto.

Na parte inferior da primeira página da matéria apareceram três quadros anunciando Missas de Sétimo Dia e na segunda parte uma propaganda da Festa dos Estados, que ocupa mais da metade da página. Um assunto triste e uma publicidade de uma festa contrastando muito. A propaganda chama mais atenção que o próprio título, que não remete objetivamente ao enfoque da matéria. Num primeiro momento dá a entender, por causa do título, que o problema é a falta de lanche e não a falta de merendeiras nas escolas. O jornal deve relacionar claramente o título com a matéria para não causar idéias erradas ao leitor.

Oitava matéria

Data: 30 de setembro de 2007

Título: Cidadania resgatada nas salas de aula

Imagens: 1 fotografia

Boxes: 2 (“União com a comunidade”; “Entrevista”).

Cidades citadas: Recanto das Emas DF, Asa Sul DF.

Fontes: aluna Maria Augusta; professor Flávio Miguel; professor Paulo Henrique Guimarães; aluno Rogério Lages; diretor Clóvis Fonseca Coelho; professor

Geldo Ferreira de Araújo; aluno Diego Felipe; diretor Sidney Marinet; promotor de justiça, Rubim Lemos; socióloga e secretária executiva do Observatório Íbero-americano de violência nas escolas, Miriam Abramovay

Comentários: O assunto desta reportagem é o mais grave de todos, pois a dificuldade para resolvê-lo é maior, envolve todas as esferas da sociedade. A violência nas escolas vem crescendo e, por ser um dos seus maiores problemas, o jornal deveria ter dado mais ênfase e espaço para a matéria. Nas anteriores foram usadas as duas páginas inteiras, outras deram espaço para propagandas e anúncios, mas nesta, a metade inferior das duas páginas disponíveis foi utilizada para publicidade, deixando o leitor inferir que o jornal não deu a importância necessária.

A reportagem também é inspirada em histórias de personagens que viveram ou vivem algum drama, como, por exemplo, o uso de drogas e relações com “guangues” e é basicamente feita por relatos de alunos e professores. Em nenhum momento o governo do Distrito Federal ou a Secretaria de Educação foram ouvidos. Uma fonte se refere ao sistema e a polícia *“Atualmente, o sistema escolar é o único responsável por educar a juventude. Só na sala de aula, não será possível”* e *“A polícia vem aqui e menos de uma hora depois eles voltam”* (Coelho, 30 de setembro de 2007, p. 34/35), e o jornal, que tem a função de ser imparcial e ouvir todos os lados, não ofereceu espaço para a secretaria, para a polícia e batalhão escolar dar a versão deles.

No ano de 2007, várias mídias, entre elas o *Correio*, divulgaram várias notícias sobre violência e drogas nas escolas, então esta matéria é programada com canal informativo informal predominante. Nenhuma referência foi dada ao professor, e como a violência escolar engloba todas as regiões administrativas.

Nona matéria

Data: 28 de outubro de 2007

Título: A força que vem dos pais

Imagens: 4 fotografias.

Boxes: 4 (“O exemplo da leitura”; “Em busca da parceria”; “Pequenos gestos”; “Entrevista”).

Cidades citadas: Estrutural DF, Taguatinga DF.

Fontes: pai Antônio Coelho Gonçalves; diretora Marlene Cristina dos Reis; promotora de justiça da Infância e Juventude do Ministério Público do DF, Luísa Marillack Xavier; pai Onésio Monteiro da Silva; diretora Neiva Mota Torquato; dona-de-casa, Marina Nogueira Neves; coordenadora do curso de técnicas para intervenção com famílias e grupos interfamiliares da Secretaria de Educação do DF, Helen Vieira Rodrigues; pai José Guilherme Silva; criança Vitória, 5 anos; mãe Juciara dos Santos Silva; vice-diretor Joselito Almeida; professora Kátia Ivo; pós-doutora em educação, Fátima Guerra.

Comentários: A matéria principal mostra uma mãe que não tem como acompanhar os filhos na escola, como é a intenção do jornal. Este enfoque aparece em um único trecho:

“[...] Liane Rosa Pereira, de 28 anos, passa o dia inteiro fora de casa, trabalhando. Quando os cinco filhos – Alan, 9, Mônica, 8, Etiene, 5, Vitória, 3, e Evelin, 2 – acordam, ela já deixou o almoço pronto e saiu. O mais velho esquentar a comida por volta das 11h30. Uma hora depois, Alan, Mônica e Etiene vão para a escola. As duas menores ficam com a tia. Assim como Antônio, Liane também estudou só até a 5ª série. Mas ela não participa da rotina escolar dos três filhos. Só vai à escola do Guará, onde estudam os dois mais velhos, e à Escola Classe da Estrutural, da caçula, na época da matrícula.” (CORREIO, 28 de outubro de 2007, p. 30/31).

O restante da matéria principal mostra histórias de pais que se sacrificam, mas acompanham os filhos e os quais, por isso, têm bom desempenho na escola. A matéria mostra também uma diretora falando que 90% dos pais da escola dela acompanham os filhos e ainda mostra uma funcionária da Secretaria de Educação dizendo que novos profissionais estão sendo capacitados e que a relação entre pais e escola está melhorando. Fatores que levam qualquer leitor a concluir que, da forma como foi colocado, esse tema não é um grande problema nas escolas. Para colocar o assunto como crise, a matéria deveria ter dado enfoque a personagens como aquele citado no início do comentário, além de ir à escola deles para averiguar qual o desempenho das crianças e mostrado outras histórias parecidas. Apenas em um box é que o jornal aborda como problema, quando cita as dificuldades do colégio Gisno para levar os pais à escola. E quem fala são os professores e direção, nenhum personagem aparece para exemplificar.

É uma matéria programada com canais informais predominantes, pois é um assunto pré-pautado para finalização da série. Faltou na matéria um integrante do

governo dando a opinião concreta sobre o assunto. O jornal também não cobra o governo, mostrando como se fosse somente dever da escola e dos pais buscar uma solução. A presença de pais acompanhando os filhos tem relação com a repetência, pois quanto mais os pais ajudarem, menos repetência haverá. A reportagem fala de pessoas simples e na segunda página uma propaganda sobre apartamentos com conforto do lado para preencher espaço, que rouba a atenção de um leitor com melhor condição.

Décima matéria

Data: 25 de novembro de 2007

Título: A difícil arte de estudar

Imagens: 4 fotografias.

Boxes: 2 (“Trabalho, o inimigo nº 1”; “Uma denúncia que deu certo”; “A realidade”).

Cidades citadas: Novo Gama GO, Asa Sul DF, Guará DF

Fontes: aluna Bruna Carolina Barbosa; diretor Gilvan Feitosa (sem aspas); coordenador da organização não-governamental Campanha Nacional pelo Direito à Educação, Daniel Cara; aluna Janaína Silva; aluna Luana da Silva; aluno Diego Gomes; aluno Arthur Muniz; aluna Francenilda Zacarias de Souza; professora Mônica Moreira Diniz;

Comentários: A última matéria da série de reportagem sobre “Crise nas Escolas” retomou alguns assuntos que foram tratados anteriormente, mas voltou a apenas três deles. Na matéria principal menciona a primeira reportagem “Mas onde está o professor?” e mostrou que, aos poucos, os alunos estão desistindo pela falta de professores que ainda existe na rede. Isso mostra que a reportagem do começo do ano não teve uma repercussão muito grande entre os governantes, que continuam deixando a escola sem professor. E mais uma vez o jornal não foi cobrar nada do governo.

No primeiro box, o assunto retomado é o de março, que apontava que a falta de transporte dificulta e faz os alunos desistirem da escola, o que também mostra que a reportagem não alcançou o objetivo principal. Foi positiva, pois, através dela, o governo colocou alguns ônibus, embora não resolvam os problemas dos estudantes, visto que os ônibus não entram na Estrutural e os alunos ainda têm que caminhar muito. A matéria em março colocou a falta de transporte como a grande

barreira dos alunos para concluir os estudos, e nesta coloca o trabalho como a grande dificuldade: “[...] Imaginava-se que o principal problema era a falta de transporte, já que boa parte dos estudantes deste turno, no CEF 4 do Guará moram na Vila Estrutural” (Correio Braziliense, 25 de novembro de 2007, p. 36/37). O título mesmo diz “Trabalho, o inimigo nº 1”. Um jornal não pode imaginar nada, tem que apurar e não manipular opiniões.

O segundo box mostra que a matéria do mês de abril teve resultado. As salas de apoio para as crianças com necessidades especiais tinham sido fechadas e com a reportagem elas foram reabertas. Teve apenas um problema técnico: “A sala foi reaberta e já houve confirmação de que a professora Mônica Moreira Diniz será mantida no ano que vem.” (Correio Braziliense, 25 de novembro de 2007, p. 36/37). Ano que vem? Pelo que a professora diz o trabalho começou no mesmo ano. “As salas de apoio foram mantidas e as crianças estão se desenvolvendo cada vez mais com a atenção diferenciada” (Diniz, 25 de novembro de 2007, p. 36/37).

O espaço na segunda página da matéria usado para fazer uma espécie de retrospectiva das reportagens anteriores deveria ter sido usado para mostrar resultados de outros meses, se é que teve resultado. Mesmo que não tivesse resultado poderia ter colocado que o problema continua e que o governo nada fez para melhorar. É uma reportagem com notícias programadas e canal informativo informal predominante. Era esperado que o jornal fizesse esse tipo de trabalho no último mês. A matéria não pressionou ou cobrou o governo de alguma forma e o jornal fez a reportagem através de relatos dos professores e alunos, o que é mais fácil. Como é uma retomada das anteriores esta matéria relaciona temas como evasão escolar e repetência.

3.1 Considerações finais

O dicionário Aurélio define investigar da seguinte maneira “1. Seguir os vestígios de. 2. Pesquisar. 3. Examinar com atenção” (Aurélio, 1993, p. 315). O *Correio Braziliense*, na última reportagem da série “Crise nas Escolas” afirma: “No início do ano letivo, na primeira reportagem da série (veja reproduções) que investigou as causas da crise no ensino público [...]”. Levando em consideração a análise das reportagens e a definição de investigar, nos deixa concluir que o Correio

não investigou corretamente as matérias. Foram denúncias de alunos e pais e que o jornal apurou com muitos erros, como o citado na análise da décima reportagem.

O jornal deveria ter procurado o governo em todas as reportagens. É papel da mídia ouvir diversas fontes de informação. No geral, o jornal apresentou-se de forma parcial, mostrando sua opinião claramente.

O título “Crise nas Escolas” dado a série de reportagens também deveria ter sido repensado pelo jornal. Os assuntos abordados não são exclusivos das escolas, e sim do sistema educacional vigente. Desta forma, ficou parecendo que o governo não tem participação nos problemas e as escolas que têm que resolvê-los sem ajuda.

Conclusão

A mídia tem tido uma maior preocupação em tratar problemas sociais, como o abordado nesta pesquisa, que foi denominado como “Crise nas Escolas”. Uma prova disto foi o espaço dado para o assunto no jornal *Correio Braziliense*: em média duas páginas para cada matéria. A realização de uma série de reportagens, que durou de fevereiro a novembro de 2007, – praticamente o ano todo – também mostra que o jornal queria dar destaque ao tema, que é muito preocupante no Brasil. Mas, como a grande maioria dos meios de comunicação, o *Correio Braziliense* também apresentou dificuldades e deficiências na apuração. A análise das dez matérias sobre as crises nas escolas públicas do Distrito Federal e entorno nos sugere algumas conclusões.

Apesar dos meios de comunicação de massa, como por exemplo, a TV e os jornais, estarem mais preocupados em publicar problemas sociais, e estarem fazendo isso com uma maior frequência, os resultados obtidos não são satisfatórios. Informar a população sobre as qualidades e avanços na educação é importante, mas, é mais importante ainda, informar o que se refere a temas que prejudicam uma boa educação para nossas crianças e jovens. Contudo, informar os leitores e não pressionar o governo não faz sentido nenhum, pois uma das funções do jornalismo é usar as informações para buscar uma sociedade melhor. O pouco uso de fontes do Governo e da Secretaria de Educação nos leva a pensar que o jornal não quis expor o governo. Em algumas matérias o *Correio* chega a colocar o professor como o principal, e até mesmo o único responsável, por alguns problemas, o que comprova a parcialidade do jornal. O uso exagerado de personagens, sem comprovar as informações apresentadas, fez ocorrer erros e informações incorretas.

Os problemas são antigos, as notícias não são atuais e se repetem em vários meios. O fato de ser um assunto sempre na agenda dos veículos de informações também mostra que os governantes nada tem feito para tentar modificar o quadro negativo na educação; pelo contrário, mostra nas propagandas do governo que a educação é prioridade e que os problemas estão resolvidos, desmentindo a mídia local. Esse é um tema interessante que pode ser desenvolvido em outra pesquisa de graduação ou até mesmo de uma pós-graduação, como, por exemplo, fazer uma análise comparativa entre a educação apresentada em um meio de comunicação e as propagandas do governo, ou, mais interessante seria fazer um estudo da

recepção dos professores dessa comparação ou das propagandas governamentais sobre educação.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam & RUA, Maria das Graças. *Violência nas escolas*. Brasília: Edições Unesco, 2002.
- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *História da Instrução Pública no Brasil [1500-1889]: história e legislação*. São Paulo: Inep/Puc, 1989.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUER, Martin W. Análise de Conteúdo Clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W & GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- GERSDORFF, Ralph C J. Von. *Educação Brasileira: problemas e soluções possíveis*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1981.
- GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- Leis. Nova LDB, da educação nacional. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Diário Oficial – Brasília, nº 248.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Editora Cortez, 1994.
- MARQUES, Mario Osório & DALLEPIANE, Julieta Ida. *A educação na família e na escola*. Rio Grande do Sul: Editora Unijuí, 2002.
- OLIVEIRA, Marcos Marques. et al. As origens da Educação no Brasil: Da hegemonia católica às primeiras tentativas de organização do ensino. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v.12, n.45, p. 945-957, out./dez. 2004.
- PINSKY, Jaime. *Cidadania e Educação*. 4ª ed. São Paulo: São Paulo, 2000.
- SOUSA, Jorge Pedro. *Teorias da notícia e do jornalismo*. Florianópolis: Editora Argos, 2002.
- SOUSA, Jorge Pedro. *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e da Mídia*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.
- SOUSA, Jorge Pedro. *As notícias e seus efeitos*. Coimbra: Minerva, 2000.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são*. 2ª ed. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

VEIGA, Feliciano Henriques. *Indisciplina e violência na escola: práticas comunicacionais para professores e pais*. Coimbra: Editora Almedina, 2001.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editora Presença, 2001.

ALAMINOS, Cláudia. *Evasão escolar na adolescência: necessidade ou ideologia?* 2005. Programa de Pós-Graduação - Mestrado São Paulo – SP, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

AZEVEDO, Sonia Carla Arozo. *A violência nas escolas como resultado dos problemas de inadaptação social*. Disponível em <<http://br.monografias.com/trabalhos/violencia-nas-escolas/violencia-nas-escolas.shtml>> Acesso em 10/11/2007.

BRASIL. *Lei nº 5.250, de 9 de fevereiro de 1967*. Lei de Imprensa. Brasília, 2000. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/internet/infdoc/Publicacoes/html/arquivospdf/leideimprensa.pdf>>. Acesso em: 13 de março de 2008.

CALDAS, Eduardo de Lima. *Combatendo a evasão escolar*. Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=2631>> Acesso em: 30 março 2008.

INEP. *Censo 2006*. Brasil, 2006. Disponível em <http://www.inep.gov.br>. Acesso em: 20 março 2008.

LOLIS Dione & LIMA, Jane Cristina Franco de. *Evasão e demanda escolar nas favelas e assentamentos na região leste de londrina*. Disponível em: <http://www.ssrevista.uel.br/c_v2n2_evasao.htm>. Acesso em: 30 março 2008.

QUEIROZ, Lucileide Domingos. *Um estudo sobre a evasão escolar: para se pensar na inclusão escolar*. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/25/lucileidedomingosqueirozt13.rtf> Acesso em: 30 março 2008.

ANEXOS